

RESUMO EXPANDIDO DE TRABALHO ORIGINAL**A sátira no mundo do trabalho contemporâneo:****Mickey 17 e seu subtexto da saúde no trabalho**

Diego Saimon de Souza Abrantes, Doutorado em Administração, UEM, Brasil,
diego_saimon@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Mickey 17 (2025), filme do premiado diretor (por Parasita (2019)), Bong Joon-ho, foi meu objeto transversal de inspiração para esta exploração científica. Isso me ocorreu, meses atrás, ainda na sala de cinema, durante a sessão, enquanto testemunhava algumas escolhas de cena bem diferentes e um jeito um tanto satírico de se abordar temas tão inerentes ao universo do trabalho. Ao fim da película, eu sabia que tinha assistido uma verdadeira sátira da contemporaneidade e testemunhei uma forma de humor um tanto trágica.

Assim, mobilizado pelos meus mais de 12 anos na Psicologia Organizacional (academicamente e mercadologicamente) e minha experiência como consultor empresarial, tive a vontade de analisar cientificamente sobre as intempéries simbólicas da saúde mental no trabalho abordadas, especialmente e não exclusivamente, no subtexto do filme e seus enlaces com a contemporaneidade. Chamo-o desta maneira, pois apesar do filme ser bem expositivo em várias de suas críticas, ele também é recheado de subtexto. Minha mente psicanalítica, então, precisa pontuar que é possível dizer que esses subtextos se direcionavam ao inconsciente de quem acompanhava ao filme. Essas mensagens subliminares são colocadas de forma consciente pelos cineastas com a intenção de mobilizar emoções em quem assiste.

MÉTODO

Esta pesquisa teve como objeto de análise a obra cinematográfica Mickey 17 (2025), do diretor Bong Joon-ho. Os procedimentos de coleta e interpretação dos dados percorreram a metodologia da análise estrutural e da semiótica (Metz, 1999). Basicamente, transcorreu-se pelos momentos descritos no quadro 01:

Quadro 01: procedimentos metodológicos

Momentos	Ações
Filme	Assisti ao filme no cinema e, impactado pelos conteúdos, dado meu histórico profissional, tive a vontade de organizar esta pesquisa para se analisar as intempéries simbólicas da saúde mental no trabalho abordadas no subtexto do filme e seus enlaces com a contemporaneidade.

	Esperei o filme sair para <i>streaming</i> e o revi, em casa, mais duas vezes, agora tomando notas em um caderno, dos conteúdos que fui identificando. Aqui, comecei a usar a análise estrutural e da semiótica.
Análise estrutural e da semiótica	Permitiu se coletar e refletir sobre os sistemas simbólicos e narrativos presentes no filme. Isso foi feito através da identificação dos temas, símbolos, discursos e narrativas mais presentes na película, tanto em seu texto mais direto como em seu subtexto. Essas identificações foram fichadas para posterior análise qualitativa.
Interpretação qualitativa	Com o material coletado da análise estrutural e da semiótica, partiu-se para suas relações com o mundo do trabalho contemporâneo, tendo-se no foco a saúde mental do trabalhador. Pautado em Gil (2017), minha interpretação qualitativa designou-se pela reflexão analítica e subjetiva dos temas elaborados no objeto de análise, isto é, o filme.

Fonte: elaborado pelo autor, 2025.

Epistemologicamente, usei Dejours (1999, 2007, 2009, 2021), como principal autor base, nas discussões interpretativas que advém das analogias do tragicômico do filme com a tragédia do real.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O FILME

No filme, uma ficção científica, Mickey 17 é o 17º clone de Mickey Barnes. Este se inscreveu em um programa espacial de colonização de outros planetas, chefiados por um político e sua esposa, Kenneth Marshall e Ylfa. Ele se inscreveu nesse programa para a função de descartável. A única vaga que ainda restava e ninguém queria.

Afundado em dívidas por uma tentativa fracassada de empreender, sendo perseguido pelo agiota, Mickey aceita o serviço sem ter a menor ideia do que faria. Ele adentra a enorme estação espacial e preciso fazer um destaque importante para nossa analogia: quase não se mostra a estação por fora. Isso me pareceu proposital, afinal, internamente, a ambientação é totalmente industrial, isto é, embora futurista, o cenário do trabalho de Mickey e de todos os terráqueos ali é para lembrar uma indústria ou fábrica.

A missão pretende chegar a um novo planeta, pois a Terra está ficando inabitável, que será chamado de Nilfheim. Uma citação nórdica de um reino que já foi considerado o purgatório, ou seja, um lugar dos desonrados (McGillivray, 2018). E ao longo desse caminho, “Mickey é assassi... opa”, como dito no filme, “descartado” 16 vezes e em várias delas, vítima de seu papel de cobaia para que cientistas testem suas teorias nele. Em diversos desses momentos, quando impresso de novo (sim, a expressão do filme é “imprimir”, para não dizer clonar), a impressora falha, repuxando Mickey, como uma impressora costuma fazer com o papel. Noutros momentos, os cientistas simplesmente não ligavam para Mickey sendo reimpresso, deixando-o cair no chão. O sistema é simples: sempre que ele morre no trabalho, outro é simplesmente reimpresso a partir de suas memórias.

Mickey é perguntado por diversas pessoas sobre como é morrer. Pergunta a qual ele já se queixa não aguentar mais responder. Em momentos de autorreflexão, ele pensa que deve passar por tudo isso por ter méritos ao sofrimento. Ele tem que ser punido pela pessoa que é. E Mickey 17 é muito ingênuo, traumatizado pela morte da mãe, tem a caricatura de uma infantil inocência, fala em tom baixo e de cabeça baixa, não apenas em reverência a quem quer que fale com ele, mas também para se colocar em seu lugar de direito: de descartável.

No filme, nitidamente temos a abordagem da luta de classes e a subjugação das classes dominantes para com as classes oprimidas. As figuras de opressores e oprimidos são bem delimitadas, quase caricatas, com o político Marshall lembrando, em demasia, alguns personagens reais da política de qualquer país. Simplesmente porque esse tipo de político e líder da operação existe em qualquer lugar, em organizações de qualquer tamanho. Percebe-se as críticas às lideranças sociais.

E Mickey 17, acidentado em uma missão de exploração em uma possível Nilfheim, deixado para morrer pela equipe que “julga” que ele seja imortal, pensando que iria morrer devorado por um rastejador, ser vivo desse planeta, é na verdade salvo pela criatura. O monstro não o devora, como os humanos esperam de qualquer coisa que julguem monstros, o faça.

Quando retorna à estação, ele se depara com uma nova versão já impressa, o Mickey 18. Este Mickey não tem nada de ingênuo, ele é impaciente, impulsivo e violento, apesar de ter todos os backups de memórias e sentimentos da versão 17. O problema é a existência de uma lei política com viés religioso que proíbe a existência de duas cópias simultâneas. Daqui em diante, diversos acontecimentos irão se desdobrar, entretanto, o que mais precisei detalhar para a análise do campo do trabalho já está feito.

REFLEXÕES

Mickey aceita um trabalho que ele, por erro do próprio, algo não incomum neste mundo moderno acelerado, não leu o contrato. Ele não sabe os detalhes, mas fez com pressa porque tinha dívidas para quitar e estava sem outras opções. Ainda assim, quando percebe que precisa entender mais o que fará, pouco se explica a ele. É com o tempo que vamos compreendendo que o trabalho de Mickey gira em torno do famigerado discurso de grandes empresários de que o funcionário precisa dar a vida pelo trabalho ou, os mais modestos, “vestir a camisa”. Mickey o faz literalmente, do vestir o uniforme à mortalidade. E eis um ponto de destaque, em seu trabalho, ele é eficiente ao morrer, pois é sua função a ser cumprida. Ele tem utilidade (e é a todo tempo “lembrado” disso).

Simbolicamente, é o trabalhador que não tem opção do que fazer, seja porque falta-lhe a oportunidade do emprego em sua área, porque ele está endividado e precisa estar quite, porque tem família para sustentar. No Brasil, estima-se que 72% das pessoas trabalhem com algo que não gosta, portanto trabalham por mera necessidade (Central dos Sindicatos Brasileiros – CSB, 2023). Essa realidade não reflete apenas uma problemática nas oportunidades ofertadas como também nas possibilidades que o próprio cidadão teve ao longo da vida. É compreensível que

se não faça juízo de valor na afirmação de que se todo trabalho pode nos adoecer, é ainda mais fácil que isso ocorra quando não se gosta do que faz.

Nosso sentimento interno pode se calcar em uma noção de inutilidade e isso pode desencadear episódios de ansiedade, neuroticismo e estresse (Judge; Bono, 2001; Kahn, 1990). Ainda assim, é óbvio que pouco se fala sobre, pois o trabalhador em geral, por exemplo, àquele das mais baixas hierarquias, que fica diariamente preso por 2-4 horas no ônibus para ir e voltar do serviço, ainda tem filho para alimentar e casa para manter, não tem o tempo para isso. Esse tempo é luxo e um luxo que mesmo para quem o tem, muitas vezes não o usa de forma sadia. Mickey não tinha tempo, pois estava morrendo pelo trabalho. Algo que o tornava, de certo modo, invisível, pois logo seria substituído dentro de uma lógica de superexploração (Dejours, 2021). Sua humanidade era alienada quando, além de invisibilizado, ele era objetificado por aqueles que supunham serem suas chefias, seus líderes. Como objeto, um legítimo descartável.

Mickey também era assediado. Sua moralidade era ferida com constância, afinal muitas de suas mortes eram banalizadas e motivos de chacota por quem lhe dava ordens. Lembro-me de um pensamento filosófico vir a mim naquele momento no cinema: como eles não percebem que não só o assassinam como fazem disso a comédia do seu dia? Se agarram na ideia da perpetuidade de Mickey, como se ele fosse imortal, mas seria uma imortalidade real? Afinal, nenhum Mickey, embora Mickey, era o mesmo Mickey. Simbolicamente, ele morria pelo trabalho e ainda era alvo de desmoralização. E não apenas isso, de uma identidade sempre fragmentada pela repetição de experiências traumáticas forçadas. Esse processo faz parte do contexto do mercado de trabalho atual, promovendo-se adoecimento mental (Dejours, 2007; 2009; Barreto; Galdino; Fernandes, 2022; Moraes; Novaes; Mosca, 2024).

Aqui, destaca-se, no subtexto, a crítica não só ao assédio moral em si, infeliz ocorrência marcante em organizações, mas também às metas “inalcançáveis” que determinadas empresas impõem ao funcionário. Algumas cobranças se tornam excessivas e já há registro na literatura científica sobre casos de crise de pânico, ansiedade e depressão perpetuados por tudo isso (Dejours, 1999; 2007; 2009; 2021; Han, 2024; Kahn, 1999; Barreto; Galdino; Fernandes, 2022; Moraes; Novaes; Mosca, 2024; Shuster; Dias; Battistella, 2014; Sousa; Mendonça, 2009). Não estão as chefias e colegas de labuta, em várias organizações, fazendo com seus funcionários o que fizeram com o Mickey? Quando se deixa o lado humano apenas no discurso público, disperso de ações internas notáveis, as organizações pretensiosamente apoiam-se dentro da cultura contemporânea do politicamente correto, pois isso vende mais produto/serviço. Ocorre ser demasiadamente difícil mensurar o valor da saúde mental de um indivíduo.

O surgimento de Mickey 18, uma versão incapaz de se calar diante do que entedia ser uma subjugação de sua humanidade no trabalho, representa a tensão presente nas tentativas de controle emocional do Mickey 17, quase sempre, ao que parece, motivado pela busca por reconhecimento. Como já apontado, pela ressonância do sentimento de utilidade. Paradoxalmente, a versão 18 escancara uma necessidade do trabalhador reivindicar seu lugar ou meramente expressar seu descontentamento com tudo que lhe ocorre. Obviamente, naquele ambiente ideologicamente controlado por Marshall e seu projeto de salvação da humanidade

via Nilfheim, Mickey 18 age de forma extrema em oposição ao 17. Situações como essas são, no viés da saúde mental no trabalho, frutos de um nível de sofrimento que parece não caber mais no trabalhador e ele explode, seja de ira, seja de tristeza, seja um surto por estresse ou, algo não incomum atualmente, por meio do estabelecimento de uma síndrome de Burnout (Judge; Bono, 2021; Dejours, 1999; 2007; 2009; Barreto; Galdino; Fernandes, 2022; Han, 2024; Moraes; Novaes; Mosca, 2024; Shuster; Dias; Battistella, 2014; Sousa; Mendonça, 2009).

Mickey 17, todos antes desse, e incluso o 18, são elementos simbólicos de trabalhadores diversos na sociedade contemporânea. Diria, até, que cada um pode representar um momento diferente da psique humana dentro seu ambiente de trabalho, nessa sociedade cansada de tanta cobrança por mais produção (Han, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda cabem inúmeras discussões se voltasse meu foco também para um aprofundamento em outros personagens, mas esse mergulho não era uma intenção deste estudo. O filme em si tem riqueza de discussões que poderiam adentrar para além do âmbito do trabalho, caindo em debates sobre política, sobre políticos egomaníacos, luta de classes, controle social e religião. São ideias para a execução de novos estudos.

Vale, certamente, ressaltar que esta análise se limitou ao conteúdo apresentado no filme, mesmo que haja muitas reflexões que carrego após tantos anos de empiria no mercado de trabalho. E embora se compreenda a riqueza de símbolos presente na rodagem, sabe-se que se pode enviesá-la a partir das escolhas que os artistas delimitaram para colocar na sua obra.

Mickey 17 utiliza-se de metáforas para fazer uma denúncia contra o esgotamento emocional do trabalhador, da sua invisibilidade, despersonalização e trauma. Por meio da simples, embora absurda, ideia de se clonar o trabalhador, o filme levanta os efeitos da sua superexploração e desumanização. Apesar disso, a narrativa ainda caminha para a sugestionabilidade de que, por mais que o sistema tente quebrar o indivíduo, a reconexão com sua identidade, direitos e emoções, é o caminho para a recuperação da sua saúde mental.

Esse processo é tão real e necessário que temos o protesto dito por Mickey 17 após conhecer sua versão desbocada, Mickey 18, ao responder a intempestiva pergunta sobre “como é morrer?”, “eu detesto!”. Esse detestar é a resposta simbólica de um trabalhador que confessa não aguentar mais viver o que vive. É, por que não?, um pedido de socorro diante dos adoecimentos no trabalho de nossa sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Mickey 17. Saúde mental no trabalho. Saúde do trabalhador. Adoecimento psíquico. Saúde no trabalho.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Maynara Fernanda Carvalho; GALDINO, Maria José Quina; FERNANDES, Frederico Garcia et al. Workaholism e burnout entre docentes de pós graduação stricto sensu. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 54–62, 2022.

CENTRAL DOS SINDICATOS BRASILEIROS (CSB). **Mais de 70% dos trabalhadores no Brasil se sentem desmotivados**. Disponível em: <https://csb.org.br/noticias/maioria-dos-trabalhadores-estao-desmotivados>. Acesso em: 6 jul. 2025.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2021.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

DEJOURS, Christophe. **O sofrimento no trabalho**: corpo, subjetividade e trabalho. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

DEJOURS, Christophe. **O fator humano**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

GIL, Antonio C.. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. São Paulo: Vozes Nobilis, 2024.

KAHN, William A. Psychological Conditions of Personal Engagement and Disengagement at Work. **Academy of Management Journal**, v. 33, n. 4, p. 692-724, 1990

JUDGE, Timothy A.; BONO, Joyce E. Relationship of Core Self-Evaluations Traits—Self-Esteem, Generalized Self-Efficacy, Locus of Control, and Emotional Stability—with Job Satisfaction and Job Performance: A Meta-Analysis. **Journal of Applied Psychology**, v. 86, n. 1, p. 80-92, 2001.

MICKEY 17. Direção: Bong Joon Ho. Roteiro: Bong Joon Ho. Produção: Dede Gardner; Jeremy Kleiner; Bong Joon Ho; Dooho Choi. Co-produção: Plan B Entertainment; Offscreen; Kate Street Picture Company. Distribuição: Warner Bros. Pictures. Países: Estados Unidos, Coreia do Sul. Idioma original: inglês. Duração: 137 min. São Paulo: Warner Bros. Pictures, 2025. Exibido nos cinemas brasileiros de 6 mar. 2025 a 3 abr. 2025.

METZ, Christian. **A linguagem cinematográfica: semiótica do cinema**. São Paulo: Summus, 1999.

MORAES, H. M.; NOVAES, M. R.; MOSCA, C. O. The impact of COVID 19 on emotional exhaustion: depersonalization and self perceived low performance among hospital pharmacists in Brazil. **Journal of Hospital Pharmacy and Health Services**, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 1028, 2024.

MCGILLIVRAY, Andrew. **Influences of Pre-Christian Mythology and Christianity on Old Norse Poetry**: A Narrative Study of Vafþrúðnismál. Kalamazoo: Western Michigan University Medieval Institute Publications, 2018.

SCHUSTER, Marcelo S.; DIAS, Valéria V.; BATTISTELLA, Luciana F. Burnout e justiça organizacional: um estudo em servidores públicos federais. **Revista de Administração IMED**, Santa Maria, v. 4, n. 3, p. 330–342, 2014.

SOUSA, I. F. DE.; MENDONÇA, H.. Burnout em professores universitários: impacto de percepções de justiça e comprometimento afetivo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n. 4, p. 499–508, out. 2009.